



GONÇALVES, B. I. V.; BARBOSA, A. M. da S. C. Vivência da religiosidade após aborto espontâneo. *Anais Eletrônicos de Iniciação Científica*, Itajubá, v. 5, n. 1, p. 1-4, 2021. Trabalho apresentado no XI Seminário de Iniciação Científica, 2021, Itajubá.

Vivência da religiosidade após aborto espontâneo

Bruna Isabelly Vaz Gonçalves

Acadêmica do Curso de Enfermagem. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
brunaisabellyvaz@gmail.com

Aline Maria da Silva Costa Barbosa

Acadêmica do Curso de Enfermagem. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
al_nny@hotmail.com

Ivandira Anselmo Ribeiro Simões

Orientadora. Professora Mestra. Faculdade Wenceslau Braz. Itajubá, MG, Brasil.
ivandiranselmors@hotmail.com

O aborto espontâneo é a perda inesperada da gestação, onde a maioria das mulheres não estão preparadas para enfrentar essa situação de forma natural. Em busca de significados e alternativas para esse momento traumático, nos deparamos com mulheres que buscam nesse momento de fragilidade se aproximar da religião para encontrar respostas às suas perguntas e estabelecer uma zona de conforto para sua dor. Levando-se em consideração a forma que se conduz essa situação problemática, o presente estudo aborda as contribuições que a religiosidade traz as mulheres que tiveram a gravidez interrompida indesejavelmente e o funcionamento do processo de enfrentamento ao luto, na busca de minimizar consequências em sua vida. O estudo teve como objetivo conhecer a vivência da religiosidade das mulheres que tiveram o abortamento espontâneo. A abordagem da presente pesquisa engloba a cidade de Itajubá, no Sul de Minas Gerais. Ademais, o local do estudo foi efetuado na residência de cada mulher. Possui abordagem qualitativa e descritiva. Como método foi utilizado o discurso do sujeito coletivo (DSC). O público participante do enfoque do estudo foram mulheres. A amostra foi constituída por 20 mulheres que tiveram disponibilidade para os relatos sobre o tema abordado. Com os seguintes critérios de inclusão: acima de 18 anos, residentes na cidade de Itajubá que passaram pela experiência do aborto espontâneo. Como critério de exclusão: mulheres onde o aborto foi por outros motivos, as que estavam em período de internação e gestantes ou em caso de aborto em período menor que seis meses. A amostragem foi do tipo “bola de neve” que oferece diversos benefícios para problemas de pesquisa específicos, levando em consideração também suas limitações. Nessa técnica de amostragem, o pesquisador pede aos entrevistados a sugestão de novos indivíduos que obtenham as características almeçadas. Um questionário de entrevista semiestruturada foi realizado com a seguinte questão: "Após o seu aborto espontâneo, de que maneira você vivenciou a sua religiosidade? Poderia me falar e fazer o seu comentário?". Além disso, dados socio-demográficos também foram perguntados de forma objetiva, como por exemplo: estado civil,





idade, número de filhos, número de abortos, religião, grau de escolaridade e profissão. Pôde-se analisar que a média de idade atual das mulheres que sofreram aborto espontâneo é de 43,1 anos; o estado civil entre a maioria das entrevistadas é casada, apresentando um percentual de 70% e a média de filhos por família é de 1,9 e de abortos espontâneos de 1,5 na média total. O nível de escolaridade que ficou mais evidente entre as entrevistadas é o Ensino Médio Completo com 45% e 40% do percentual são constituídos por donas do lar. A religião que mantém predominante entre as mulheres é a católica apontada em 65% das entrevistadas. Ademais, 80% das mulheres relataram ter ocorrido o aborto espontâneo há mais de três anos. Considerando o tema foram elencadas as seguintes ideias centrais: “Confiança em Deus”, “Questionando Deus e revolta”, “Apoio da religião”, “Apoio e orações de familiares” e “Desapego a religião”. Uma parte das pessoas enlutadas procuram na religião um meio de alívio para vencer a dor do luto advindo da perda inesperada. É de extrema importância ressaltar que o processo do luto pode ocorrer de forma individual ou familiar e que a religião oferece suporte para enfrentamento desse momento, dando forças para passagem de intensa fragilidade, criando sentido gradativo para lidar com o processo de uma forma mais positiva. Através da religiosidade é possível resgatar possibilidades que auxiliam durante o processo, em grande parte dos casos ocorre quando se acredita em uma força superior e divina, que se é maior, trazendo fortificação durante o processo de luto. A fé, a religiosidade e a busca por um ser superior são questões muito presentes na vida das pessoas, principalmente, em momentos de cunho delicado. De modo sucinto, a religiosidade proporciona a concepção de que existe alguém superior, que deseja o melhor para essas pessoas e que controla o trajeto que direciona a vida. A perda gestacional gera grande seqüela psicológica e física na mulher, uma vez que acompanha em seu corpo toda modificação ocasionada pela gestação. Nesse contexto, a religiosidade aflora como uma alternativa de enfrentamento ao luto para as mulheres que sofreram aborto espontâneo, auxiliando nesse momento de fragilidade, designando novas concepções às suas vivências com o filho abortado e por fim, redefinindo o significado da vida. A pessoa que se denomina espiritual/religioso, crê em Deus, e acredita na salvação divina, demonstra que sua relação perante a perda e o luto é percebida como algo positivo. É recorrente que mulheres que passaram por uma perda gestacional procure apoio e ajuda espiritual. Já que, indivíduos conectados a práticas religiosas proporcionam, predominantemente, apoio emocional, por meio de conversas, missas e orações. Os casais vão em busca de conforto, entendimento e significado para a perda. Em resposta ao luto, sentimentos e emoções aparecem e é comum que surja diversos significados atribuídos a perda. Ademais, é notório que, apesar da dor da perda estar presente em todas as participantes da pesquisa, cada uma demonstrou uma forma individual de enfrentamento baseado em suas crenças. Destaca-se a ideia central mais recorrente entre as participantes em relação a religiosidade: a “Confiança em Deus”. Para aquelas que confiam na força divina, em algo maior, há a convicção de que o aborto espontâneo teve um significado e um propósito. Por outro lado, uma pequena parte das participantes demonstraram indiferença em relação ao apego a Deus e/ou a religião no período da perda. É válido destacar que, enquanto acadêmicas e futuras enfermeiras, o tema da pesquisa transmitiu a necessidade de estimular nossa





sensibilidade diante de um abortamento espontâneo, realizando uma assistência humanizada, com respeito ético e cuidado holístico. É essencial entender a religiosidade como uma ferramenta de alívio da dor no processo do luto. Portanto, a presente pesquisa, longe de esvaziar a temática, direciona para novos caminhos de estudo que tenha como objetivo explicitar as variáveis alternativas de enfrentamento ao luto e, principalmente, da vivência da religiosidade, que podem contribuir para a promoção de saúde das mulheres que sofreram com o aborto espontâneo. Sendo assim, sugere-se outras pesquisas com o tema.

Palavras-chave: aborto; saúde da mulher; religião.

REFERÊNCIAS

BARTH, M. C.; VESCOVI, G.; LEVANDOWSKI, D. C. Percepção de casais que vivenciaram perda gestacional sobre o apoio social. **Psicologia Argumento**, [s. l.], v. 38, n. 102, p. 772-791, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/27079>. Acesso em: 14 set. 2021.

BOUSSO, R. S. *et al.* Crenças religiosas, doença e morte: perspectiva da família na experiência de doença. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 397-403, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/psw7FnrNF3wPMbw5cZ5Fv7h/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.

CHAVES, M. S. *et al.* Men's experiences of miscarriage: A passive phenomenological analysis of online data. **Journal of Loss and Trauma**, v. 24, n. 7, p. 664-677, May 2019. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23802359.2019.1611230>. Acesso em: 14 set. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEN nº 564, de 6 novembro de 2017. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 233, p. 157, 6 dez. 2017. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/Resolu%C3%A7%C3%A3o-564-17.pdf>. Acesso em: 21 maio 2020.

FELDMAN, I. As janelas de David Perlov: autobiografia, luto e política. **Arquivo Maaravi**: revista digital de estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 1-21, maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14372>. Acesso em: 1 set. 2021.

FORNAZARI, S. A.; FERREIRA, R. E. R. Religiosidade/espiritualidade em pacientes oncológicos: qualidade de vida e saúde. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 265-272, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/8N5QJ4R5vLn3LcfTZs68DRC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.





GOMES, A. M. T. Da espiritualidade ao cuidado espiritual passando pela religião e religiosidade: conceitos e desafios para enfermeiros e profissionais de saúde. **Journal of Multiprofessional Health Research**, [s. l.], v. 2, p. 1-4, 2021. Disponível em: <https://journalmhr.com/index.php/jmhr/article/view/31>. Acesso em: 20 set. 2021.

LANGARO, F. *et al.* Influência da religiosidade em pessoas em processo de luto antecipatório. **REMAV**, [s. l.], jun. 2018.

LIMA, F. M. de. **Religiosidade e o enfrentamento da morte**: a visão dos graduandos de saúde. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em enfermagem) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/10935/6/2015_FlavioMonteirodeLima.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

MARIUTTI, M. G.; BOEMER, M. R. A mulher em situação de abortamento: um enfoque existencial. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 59-71, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/PP9Psh8XqnGmBYzY3wCB4WG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 set 2021.

MURAMAKI, R.; CAMPOS, C. J. G. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 65, n. 2, p. 361-367, mar./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tXdvKWGpyYDfKwCWMDHW3ZG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2021.

QUITANS, E. T. **Eu também perdi meu filho**: luto paterno na perda gestacional/neonatal. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34141/34141.PDF>. Acesso em: 14 set. 2021.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. M. do S. Não nascer: algumas reflexões fenomenológico-existenciais sobre a história do aborto. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 419-428, jul./set. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/4L8z7BVhwSCDv5KngX65TPs/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 14 set 2021.

ROLIM, J. A.; ZANDONADI, A. C. Influência da religiosidade perante o processo de luto. **Revista Farol**, Rondônia, v. 8, n. 8, p. 212-230, jun. 2019. Disponível em: <http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/158/143>. Acesso em: 2 maio 2020.

